

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA OBRA *TAKE ACTION*: UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO

THE IDIOMATIC EXPRESSIONS OF ENGLISH LANGUAGE TEACHING IN *TAKE ACTION*: A SOCIOLINGUISTIC STUDY

Cristiane Schmidt¹
Roseli Peixoto Grubert²

Data de recebimento do texto: 04/10/2024

Data de aceite: 02/11/2024

Resumo: A partir dos estudos da Sociolinguística Educacional, mais concretamente no que se refere às práticas comunicativas como um fenômeno social, este artigo tem como objetivo analisar se, e como, as expressões idiomáticas (EIs) foram empregadas na obra *Take Action* (RITCHER; LARRÉ, 2020), Livro Didático aprovado pelo PNLD 2019. O livro didático analisado foi escolhido a partir de seu uso em escolas, ofertantes da modalidade do Ensino Médio, conveniadas ao Estágio Curricular Supervisionado no curso de Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, da Unidade de Jardim. Para abordar as EIs dentro desse material, este estudo está dividido em três partes principais: “Referencial Teórico: A Sociolinguística Educacional”, “Expressões idiomáticas em Língua Inglesa em materiais didáticos: importância de sua compreensão e de seu uso em diversos contextos” e, por fim, “Aspectos metodológicos: foco na obra *Take Action*”. Utilizamos como escopo teórico Bortoni-Ricardo (2005), Labov ([1972] 2008), Gobber e Morani (2010), Muniz et al (2017), Teer e Bevilacqua (2018), Albuquerque e Ferreira (2019) entre outros. No decorrer da análise, baseando-nos nas leituras feitas, consideramos que a obra possui uma estrutura bem organizada e pautada no que a BNCC solicita, ou seja, uma língua inglesa tratada como língua franca e um aluno que se torne crítico e cada vez mais autônomo na sua aprendizagem. Porém, no que se refere às EIs, somente um capítulo da obra fica encarregado em trabalhar de forma explícita, ficando a cargo do professor apresentar *sites*, livros, e diversas outras fontes de pesquisa, para que o aluno vá em busca deste conhecimento por conta própria.

Palavras-Chave: Sociolinguística Educacional. Expressões idiomáticas. Ensino de língua inglesa. Livro didático. Ensino médio.

Abstract: Based on the studies of Educational Sociolinguistics, more specifically with regard to communicative practices as a social phenomenon, this article aims to analyze whether and how idiomatic expressions (IEs) were used in *Take Action* (RITCHER; LARRÉ, 2020), a textbook approved by the PNLD 2019. The textbook analyzed was chosen on the basis of its use in schools offering secondary education, which are part of the Supervised Curricular Internship in Languages course at the State University of Mato Grosso do Sul, Jardim Unit. This study is divided into three main parts: “Theoretical Framework: Educational Sociolinguistics”, “English idioms in teaching materials: the importance of understanding them and using them in different contexts” and, finally, “Methodological aspects: focus on *Take Action*”. We used Bortoni-Ricardo (2005), Labov ([1972] 2008), Gobber and Morani (2010), Muniz et al (2017), Teer and Bevilacqua (2018), Albuquerque and Ferreira (2019) and others as a theoretical framework. In the course of the analysis, based on the readings made, we consider that the work has a well-organized structure and is based on what the BNCC requests, that is, an English language treated as a lingua franca and a student who becomes critical and increasingly autonomous in their learning. However, when it comes to ELLs, only one chapter of the book is responsible for working on them explicitly, leaving it up to the teacher to present websites, books and various other sources of research, so that the student can go in search of this knowledge on their own.

Keywords: Educational sociolinguistics. Idioms. English language teaching. Textbooks. High school.

¹ Pós-Doutorado em Linguística, área de concentração em Análise do Discurso pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/UEMS. Doutora em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE (2016). Docente Adjunto do Curso de Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/UFMS.

² Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/2023). Professora do quadro efetivo da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Jardim.

1. Considerações Iniciais

O contexto de vivência atual demanda que desenvolvamos habilidades comunicativas para interagir de maneira crítica e participativa, tanto no mundo social quanto no mundo do trabalho. Desta forma, buscamos possibilidades de intervir positivamente, ampliando conhecimentos sobre práticas discursivas ao conceber a língua a partir de uma perspectiva social.

Defendemos que, ao falar em língua e/ou práticas comunicativas, é necessário destacar o caráter intrínseco entre cultura, sociedade e comunicação como campos de estudo e pesquisa da Sociolinguística. Essa ciência, em especial, estuda os padrões de comportamento linguístico em uma comunidade de fala e reconhece a língua como um fenômeno social, portanto, heterogêneo e dinâmico.

Cabe aqui salientar, ainda, a tensão e o conflito sempre presentes nos contextos cujas diferenças linguísticas se entrecruzam e que não são solucionáveis, haja vista que essas diferenças são hierarquizadas conforme o status socioeconômico de seus falantes (GRUBERT *et al*, 2020). Ou seja, a língua não existe fora da sociedade, da mesma forma que a sociedade não existe sem ela, pois essa relação apresenta influência mútua, uma vez que é através da linguagem que se participa das relações sociais de poder e as mudanças na estrutura social são decorrentes da dinâmica dessas relações.

Considerando esse entendimento, enquanto professores de língua inglesa, almejamos oferecer condições para que nossos alunos sejam capazes de usar a língua de forma que dê conta de seus objetivos naquela situação. Para tanto, pensamos em um ensino que promova a compreensão de como a linguagem se articula em ação humana no mundo.

Nesse processo de ensinar e aprender a língua inglesa é frequente nos inquietarmos, também, sobre como lidar com os diversos falares dessa língua, bem como de suas diversas marcas de oralidade. Neste contexto, as expressões idiomáticas são um conteúdo que apresentam certa dificuldade para alunos e professores, uma vez que não têm sentido literal e carregam uma visão de mundo, ou seja, um “conjunto de valores, atitudes, emoções e da ética de uma comunidade linguística” (PEDRO, 2007, p. 39) transmitida de geração em geração, sendo parte da cultura dos falantes.

Com a elaboração da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), a língua inglesa passa a ser obrigatória e há uma mudança no olhar perante ela. Com o novo

documento, o ensino de língua inglesa vem de forma mais dinâmica, compreendendo a necessidade de inserir o aprendiz no contexto da língua, extrapolando a dualidade do ensino de Língua Inglesa Britânica ou Americana. Ou seja, considerando outros países falantes da língua e tomando-a como língua franca.

Dessa forma, partindo de inquietações referentes ao ensino de língua inglesa, nos interessamos em fazer uma análise das expressões idiomáticas presentes na obra *Take Action*, publicado em 2020 pela editora Ática e aprovado pelo PNLD para o período 2020/2023, e em consonância com a BNCC, usada em escolas estaduais do município de Guia Lopes da Laguna/MS, onde nossos alunos³ fazem seus estágios.

A escolha por este tema se deu pelo fato de as expressões idiomáticas serem composições estruturais estáveis inerentes a cada língua e cultura cujo ensino, no contexto da língua estrangeira, demanda atenção especial, uma vez que seu significado independe da tradução literal das palavras que a compõem (XATARA, 1998).

Nesse contexto, o conhecimento das expressões idiomáticas é importante para a ampliação da dimensão intercultural, bem como da competência lexical, do aluno para manter viva a tradição cultural de uma língua. Assim, o aprendizado da língua inglesa por meio de expressões idiomáticas complementa a lacuna do conteúdo linguístico, sendo instrumento para saberes sobre como os falantes dessa língua se comunicam e se relacionam.

Isso posto, e para dar conta do nosso objetivo em investigar como a obra *Take Action* aborda as expressões idiomáticas, a linha metodológica que norteia esta pesquisa é de base qualitativa, fundamentada na pesquisa bibliográfica e documental cuja finalidade, neste contexto, é “inventariar e sistematizar a produção em determinada área de conhecimento” (SOARES; MACIEL, 2000, p. 9) consistindo na coleta, classificação, seleção difusa e utilização de toda a espécie de informação documental.

2. Referencial teórico: a Sociolinguística e o ensino de línguas

A Sociolinguística estuda as diversas possibilidades de realização de uma língua, determinadas pelas diferenças sociais e ambientais dos falantes (GOBBER; MORANI,

³ Acadêmicos do 4º ano do Curso de Letras com Habilitação em Português e Inglês e suas literaturas, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – *campus* de Jardim.

2010), cuja identificação de uma variedade é reconhecida em oposição a outras variedades. Assim, a língua também surge como fonte de identidade de um grupo ou uma comunidade.

Desta forma, perceber a língua levando em conta a perspectiva social remete ao entendimento de que todo sistema linguístico é concebido a partir de estruturas e normas que, conforme Schmidt (2017, p.75) “requerem a compreensão e a aceitação, uma vez que são necessárias para qualquer sistema linguístico. O que, no entanto, os estudos sociolinguísticos enfatizam é, justamente, a conciliação das regras com o uso social”.

A variação da língua está presente em inúmeros domínios sociais incluindo, portanto, a escola. Quando o aluno compreende que a língua muda e varia a depender dos diferentes aspectos linguísticos, ele aprende a respeitar as diferentes formas de lidar com a língua.

Os papéis sociais são exemplos de como é possível lidar com a língua em diferentes contextos de uso; portanto, essa língua é utilizada de diferentes formas em decorrência dessa circunstância. Como um fato social, a língua é inerente a todos os seres humanos. Carraro (2016, p. 9) afirma que “[...] é por meio dela que nos moldamos e nos constituímos social e individualmente, (re)construindo, assim, nossa identidade”. Desta forma, entendemos que um mesmo sujeito pode utilizar a língua de variadas formas, dependendo do contexto e de seu interlocutor.

Diante dessas considerações, é possível observar que os estudos sociolinguísticos labovianos influenciaram também o contexto educacional, pois, conforme afirma Labov ([1972] 2008, p. 10), “o reconhecimento da variação linguística em sua estreita correlação com a heterogeneidade social tem redirecionado as concepções de língua e de ensino de língua nas diretrizes oficiais e na prática pedagógica em sala de aula”.

Aprofundando os estudos labovianos, Bortoni-Ricardo (2005) apresenta o termo Sociolinguística Educacional, estabelecida como uma subárea da Sociolinguística, que visa a compreender todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham como propósito contribuir para o processo educacional, no que tange ao ensino de língua materna.

A Sociolinguística Educacional se estabelece, portanto, com o desenvolvimento das pesquisas que buscam entender a realidade linguística. Para Bortoni-Ricardo e Freitas (2009), os pesquisadores dessa área se debruçam sobre questionamentos educacionais dentro da própria escola. “Com isso, essa vertente da Sociolinguística, envolve-se em temas consideravelmente mais amplos que se inserem no contexto social maior, [...]. E é para esse contexto que a escola deve preparar o indivíduo” (p. 220).

Essa reflexão expõe a importância de conceber o ensino de língua no ambiente escolar pelo entendimento de seu uso, e em sua variedade, a partir do contexto social, indo ao encontro do questionamento proferido por Faraco (2015, p. 28) sobre “por que deveria a escola ignorar a realidade e perseguir a quimera de ser sociolinguisticamente homogênea e esterilizada?”

Essas são questões linguístico-educacionais provocadoras de reflexão e de revisão da ação docente, presentes no discurso da escola, que precisam ser debatidas para que possamos, de fato, prosseguir no caminho para uma escola cidadã e inclusiva, compreendendo que a língua é um processo histórico de transformação e, como bem material e bem cultural, demanda distribuição para não se aprisionar em um único padrão linguístico.

Com a ampliação das pesquisas neste campo, e na busca por possibilidades de transformar esses resultados em instrumental pedagógico capaz de interferir nas práticas e formas de ensinar uma língua, a Sociolinguística Educacional veio para “denominar todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 128).

Segundo a autora, é no ambiente formal que os alunos reconhecem e distinguem as variedades linguísticas existentes na sociedade. Desta forma, ela atribui à escola o papel de explicitar essas diferenças, uma vez que professores e alunos necessitam se conscientizar que existem “duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa” (*Id, ibidem*, p. 15).

Em face dessas reflexões, e trazendo para o contexto desta pesquisa, entendemos a Sociolinguística Educacional como o estudo da língua em uso, heterogênea, variável, para que possamos compreender apropriadamente o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

Sendo assim, num primeiro momento, fizemos uma busca exploratória no *site* E-docente⁴, onde são encontrados os livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que seguem os parâmetros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Nesta pesquisa, nos deparamos com os seguintes títulos: *Learn and Share in English* (Editora Ática), *Way to Go* (Editora Ática), *Anytime! – Always Ready for Education* (Editora Saraiva) e *Take Action* (Editora Ática). Posteriormente, foi feita uma sondagem nas escolas em que os acadêmicos estavam realizando seus estágios e, dentre as

⁴ Site que contém os livros aprovados pelo MEC <https://edocente.com.br/segmento/ensino-medio/>

quatro obras, algumas escolas utilizavam a coleção *Learn and Share in English* e, outras, ou a obra *Take Action*.

Na sequência, lemos ambas as obras em busca das Expressões Idiomáticas (EIs) com o intuito de buscar quais das duas tratavam o tema com mais profundidade. Com isso, foi percebido que a obra *Take Action* foi a única que apresentou, em algum momento, a definição das expressões e deu um tratamento mais aprofundado das EIs.

2.1 O Ensino de Língua Inglesa e o livro didático

Após a elaboração da BNCC e reformulação do Ensino Médio, a Língua Inglesa, que antes fazia parte da sigla Língua Estrangeira Moderna, passa a ser obrigatória do 6º ano do Ensino Fundamental II até o Ensino Médio, sendo opcional o oferecimento de outras línguas.

Com a obrigatoriedade do ensino de Língua Inglesa, ela passa a ser vista não somente como objeto de estudo, mas como instrumento de comunicação, por sua grande relevância global.

Dessa forma, o novo documento nacional, que rege a educação básica, entende que a língua inglesa não vem somente para instrumentalizar o aluno para a leitura, mas também para que ela seja instrumento de socialização, letramento crítico, aumento de repertório e construção de conhecimento.

Com isso, as editoras de livros didáticos tiveram que se adaptar ao novo documento, principalmente pelo fato deste ser dividido entre Habilidades e Competências Gerais e Específicas, as quais, caso o aluno não consiga atingir, entende-se que o professor deve retomar a habilidade para que o aluno adquira competência para realizá-la. Não só isso, tiveram que ser elaborados Currículos Estaduais e Municipais pautados na BNCC, fazendo com que o diálogo entre livro didático e currículos educacionais fossem ampliados.

A partir dessas mudanças propostas pelo MEC, por meio da estruturação da BNCC e este novo olhar para a Língua Inglesa, diversos são os estudos que abordam o livro didático como plataforma ou suporte para auxiliar o professor em suas tomadas de decisão e em suas ações em sala de aula (MUNIZ ET AL, 2017; TEER E BEVILACQUA, 2018; ALBUQUERQUE E FERREIRA, 2019; ENTRE OUTROS). No entanto, em nossa vivência como professoras de estágio, percebemos que os livros didáticos estão bastante

presentes na prática de sala de aula, na escola pública, mesmo que algumas vezes sejam inadequados ao contexto escolar ou subutilizados pelos educadores.

Em contrapartida, acreditamos que seja possível explorar um pouco mais os livros didáticos uma vez que eles podem ser fortes aliados do professor no desenvolvimento de conteúdos linguísticos e socioculturais.

3. Expressões idiomáticas em Língua Inglesa em materiais didáticos: foco no uso em diversos contextos

Quando falamos de expressões idiomáticas (EI), falamos de expressões específicas de um idioma. Não só isso, expressões que podem ser tão específicas que cabem somente em uma região em que este idioma é falado.

De acordo com Xatara (2001), as EIs são expressões que evidenciam os sentimentos, assim como as emoções ou as sutilezas do falante nativo. Como conceito de EI, recorreremos a mesma autora, que a define como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (XATARA, 1998, p. 170).

De maneira resumida, a autora deixa claro que o termo “lexia complexa” se justifica por ter a configuração de uma unidade de frase ou locução, ao mesmo tempo em que não é possível seu entendimento a partir da decomposição do significado de seus termos, por isso se caracteriza por “indecomponível”. As expressões idiomáticas se configuram também como “conotativa”, conforme a autora (1998), pois seu sentido está na interpretação e aceção que correspondem à abstração do conjunto de seus termos, e independe do significado de seus elementos individualmente. Pelo fato de ter um significado estável em virtude da frequência com que é usada, Xatara (1998) a ratifica como “cristalizada”.

Hogetop (2019) corrobora essa definição de EI, proposta por Xatara (1998) e acrescenta que falantes não nativos, ao aprofundar o contato com a língua inglesa, têm potencial para fazer uso das EIs com as mesmas finalidades dos falantes nativos.

Entendidas deste prisma, podemos afirmar que as EIs são fragmentos ricos de uma língua com origem convalidada pelo uso frequente de seus falantes, que pode variar de geração para geração. Desta forma, para que seu uso seja adequado, é necessário compreender seu significado, uma vez que este não fica evidente caso esse conhecimento não seja compartilhado entre os falantes.

De acordo com Gibbs (2007, p.697),

Falar um idioma com qualquer grau de fluência requer conhecimento de expressões idiomáticas, provérbios, gírias, expressões fixas e outras fórmulas de conversação. As pessoas raramente falam usando a linguagem literal exclusivamente. Na verdade, é quase impossível falar de muitas situações humanas e ideias abstratas sem empregar expressões idiomáticas que comunicam um significado não literal (tradução nossa)⁵.

Esse mesmo autor acrescenta outras possibilidades como, por exemplo, no inglês americano, os falantes, quando falam sobre revelar segredos, podem usar a expressão idiomática *spilling the beans* (cuja tradução literal é “derramar o feijão”); no caso de “morrer repentinamente” a expressão utilizada pode ser *kicking the bucket* (literalmente, “chutar o balde”); já a expressão utilizada quando ficam com raiva é *blowing your stack* (traduzida do literal “explodir sua pilha”), e muitas outras expressões. O autor complementa, também, que muitas vezes, principalmente numa visão tradicional da língua, essas frases são apresentadas de uma forma engessada, ou seja, com sua tradução idiomática; no entanto, não é apresentado o porquê da frase no contexto específico.

Dessa forma, elas acabam não fazendo sentido, tanto quanto se forem traduzidas de forma literal, pois não basta o falante saber o significado da expressão; é necessário ter consciência do motivo pelo qual são interpretadas da forma não literal, bem como qual o percurso histórico por trás desse entendimento.

No que concerne ao livro didático, entendemos que ele necessita ir além de apresentar as EIs, uma vez que, em uma abordagem sociocultural o não aprofundamento dessa questão pode favorecer o surgimento de estereótipos pelo aprendiz, que “sempre identificará o falante nativo como um estrangeiro, sem perceber que ambos, falante nativo e não nativo, têm diferentes formas de ver e compreender o mundo” (HOGETOP, 2019, p. 68).

Fundamentadas nessa concepção, é possível reiterar que a abordagem sociocultural pressupõe um ensino de língua que não a dissocie da cultura correspondente, ou seja, é necessário que esses conteúdos sejam ensinados de forma concomitante e interdependente, dado que o objetivo de se aprender uma língua também tem foco na

⁵ No original: *Speaking a language with any degree of fluency requires a knowledge of idioms, proverbs, slang, fixed expressions, and other speech formulas. People rarely talk using literal language exclusively. In fact, it is nearly impossible to speak of many human events and abstract ideas without employing idiomatic phrases that communicate nonliteral meaning.*

comunicação entre os falantes, e, conforme nos aponta Hogetop (*Id, ibidem*, p. 68), “sem que exista uma hierarquia pré-estabelecida entre falantes nativos e não nativos”.

Ao olharmos para a etapa que antecede o ensino médio, ou seja, o ensino fundamental, percebemos a referência ao contexto no interior dos eixos temáticos do currículo de Língua Inglesa, especificamente no eixo denominado “Dimensão Intercultural”, que possui, para citar alguns, entre os objetos de conhecimento⁶ uma atenção a determinadas possibilidades, como países que têm a língua inglesa como língua materna e/ou oficial, presença da língua inglesa no cotidiano, ou ainda a língua inglesa como língua global na sociedade contemporânea, bem como a língua inglesa e seu papel no intercâmbio científico, econômico e político e construções de identidades no mundo globalizado.

Notamos que esse cuidado, traduzido em conteúdos curriculares, demonstram uma preocupação em ampliar a visão do aluno no que tange à aprendizagem de uma nova língua, não se apegando somente ao vocabulário e a fórmulas gramaticais. Este fato possibilita ao professor, e às editoras de livros didáticos, buscarem formas de apresentar uma língua inglesa mais ampla e menos engessada.

Sendo assim, compreendendo a necessidade de não só saber utilizar as frases idiomáticas, mas o porquê de elas serem usadas em determinados contextos, é de bastante pertinência que os livros didáticos voltados para o ensino de língua inglesa também tragam esta consideração, visto que não só há a necessidade de se compreendê-la, como está previsto na BNCC.

3.1 Livro Didático e sua origem: uma breve contextualização

Há uma quantidade significativa de editoras focadas na elaboração de livros didáticos, sendo muitas delas centradas nos programas nacionais, como o PNLD. Dessa forma, ao construírem o material destinado ao componente curricular, essas editoras precisam seguir o documento vigente que, neste caso, é a Base Nacional Curricular Comum.

Com isso, periodicamente, as escolas públicas recebem um portfólio com uma infinidade de livros didáticos, os quais devem ser escolhidos juntamente com a

⁶ Objeto de conhecimento é o que antes chamávamos de conteúdos dentro do ensino escolar.

coordenação pedagógica para o uso escolar. No entanto, a presença deste material nem sempre foi frequente em sala de aula.

No ensino de línguas, em razão da escassez de livros, os métodos que predominantes eram aqueles baseados em diálogos e ditados. Em uma sala de aula medieval, por exemplo, apenas o professor tinha o livro em mãos e os alunos copiavam os textos e os comentários através de ditado.

Como usualmente ocorre, seja qual for a nova tecnologia, o livro ganhou defensores e opositores. De acordo com Kelly (1969, *apud* PAIVA, 2009, p. 21), os professores eram aconselhados a “proibir que os alunos usassem o livro na escola, pois a sala de aula era local de ocupar os ouvidos”, devendo, então, o livro ser usado em casa.

No contexto brasileiro, os livros usados na primeira metade do século 20 se diferenciavam bastante dos livros didáticos de latim e grego que tinham como base o texto literário. Um dos exemplos de livro didático de inglês dessa época é a *Gramática da Língua Inglesa*, publicada em Porto Alegre pela primeira vez em 1880. A obra apresenta listas de palavras com a respectiva tradução, conjugações verbais, e exercícios de tradução e versão.

É na década de 1970 que surgem os materiais audiovisuais que davam primazia à oralidade na sala de aula sem o apoio da escrita. A crença era de que a escrita perturbaria o desenvolvimento da compreensão oral e de que o texto escrito poderia influenciar negativamente na aquisição da língua. Duas estratégias foram usadas para evitar a leitura: havia um tipo de livro com sonegação total do texto, e outros usavam uma máscara para cobrir os diálogos. Nessa mesma época alguns autores começam a mencionar funções da linguagem tais como expressar opiniões e sentimentos, e dar e receber informações.

No início da de 1980 os livros ficam coloridos e passam a fazer parte de um conjunto de outros artefatos didáticos, que passam, então, a ser considerados como um sistema integrado de materiais didáticos.

3.2 Programa Nacional do Livro Didático no Contexto de Ensino Línguas Estrangerias

Há mais de 10 anos o componente curricular, na área de Linguagem, Códigos e suas *Tecnologias*, Língua Estrangeira Moderna para o Ensino Médio passou a ser incluído no PNLND, a fim de garantir que as línguas estrangeiras componham o conjunto de

disciplinas que definem o perfil de formação do aluno dessa etapa da educação básica (SILVA, 2016), sendo ele o único livro consumível.

O Programa Nacional do Livro Didático⁷ (PNLD), de acordo com informações obtidas na página do Ministério da Educação⁸ (MEC), é executado para fornecer às escolas públicas de ensino fundamental e médio livros didáticos, obras literárias e obras complementares. O PNLD é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1937.

O PNLD é executado em ciclos trienais alternados, tendo o triênio para língua estrangeira sido finalizado em 2021.

4. Aspectos metodológicos: foco na obra *take action*

Como já mencionado anteriormente, a escolha da obra se deu a partir da leitura das obras e coleções, voltadas para o ensino de língua inglesa no Ensino Médio, aprovadas pelo PNLD. Após a leitura, fez-se uma sondagem do uso destas obras nas escolas estaduais das cidades de Jardim e Guia Lopes da Laguna, onde alunos do Curso de Letras com hab. Port/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (*Campus* de Jardim) cumprem as horas do Estágio Curricular Supervisionado no curso de Letras.

Neste trabalho, a versão analisada da obra *Take Action*, é a que vem com orientações direcionadas aos professores, denominada Manual do Professor. Esse livro didático, escrito por Carla Richter e Julia Larré, diferentemente de outros livros didáticos que possuem um volume para cada ano escolar, essa obra apresenta um volume único para ser usado no decorrer do Ensino Médio.

4.1 Estrutura, objetivo e método utilizado para o ensino de língua inglesa na obra estudada.

Como qualquer outro livro didático aprovado pelo PNLD, a obra segue as orientações propostas pela BNCC, fato que fica claro logo em sua introdução, onde Richter e Larré (2020) fazem a apresentação da obra para o aluno.

⁷ Atualmente, embora a sigla se mantenha PNLD, a descrição para ela, contida na página do MEC, é Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

⁸ <https://www.fnede.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/legislacao/item/9787-sobre-os-programas-do-livro>

Como objetivo, as autoras de *Take Action*, enfatizam a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos referentes à língua inglesa, “como língua franca construídos ao longo do Ensino Fundamental, preparando o estudante para o trabalho e a cidadania e oferecendo oportunidades de expansão das habilidades de uso e reflexão sobre a língua” (*Id, ibidem*, p. 293).

As autoras asseguram que a obra dá condições para que o aluno desenvolva habilidades da língua inglesa de forma que, no decorrer das unidades apresentadas, amplie habilidades da língua de forma integral, associando a conversação, escrita, leitura e compreensão auditiva. O foco é desmistificar a gramática tradicional, ou melhor, o ensino da gramática de forma tradicional, que vem carregada de regras a serem decoradas, e apresentar aos alunos a gramática de forma significativa, ou seja, dentro de um sistema de uso, o qual está em constante mudança.

Richter e Larré (2020) evidenciam que esta forma de abordagem, oferecida pelo *Take Action*, está alinhada a “um fenômeno histórico, político e sociocultural que permite interação, diálogo e é capaz de nos oferecer infinitas possibilidades de nos comunicarmos com o outro” (RITCHTER & LARRÉ, 2020, p.03), uma vez que a obra propicia situações em que os alunos podem se expressar em variadas situações, bem como “participar de investigações, atuar na sociedade e desenvolver pensamento crítico sobre temáticas relevantes e atuais em seu contexto histórico-cultural, de modo a se tornar cada vez mais um jovem autônomo e protagonista” (*Id, ibidem*, p.03).

Este jovem autônomo e protagonista, abordado por elas, também, de acordo com a introdução da obra, não deve se esquecer de suas raízes, suas histórias, seu lugar no mundo como um falante de língua portuguesa que está aprendendo uma nova língua e que isso pode lhe trazer diferentes experiências. Sendo assim, ele precisa compreender que aprender uma nova língua vai além de falar corretamente utilizando sotaques/acentos de determinados países falantes da língua, visto que pode abrir horizontes e, além das habilidades de leitura, escrita, conversação e escuta, a língua é uma intermediária na compreensão e construção do senso crítico e social de uma pessoa.

O livro é composto por 14 unidades a serem trabalhadas no decorrer do Ensino Médio, sugeridas pelas autoras da seguinte forma: unidades 1 a 5 – 1º ano do EM; 6 a 10 – 2º ano do EM, e 11 a 14 – 3º ano do EM.

Os temas de cada unidade são: *Technology and education, Social networks for social transformation, Respecting differences, Sustainable fashion, A language with no*

borders, Women voices, An accessible society, An integrated world, Roots, No poverty!, Language and respect, Together we are stronger, Touch e Tomorrow.

Dentro das unidades são trabalhadas seções com o propósito de estimular o aluno no desenvolvimento de habilidades específicas: *Lead-in* (questões que estimulam reflexões iniciais sobre os temas da Unidade a partir da imagem que a inicia), *Read on* (leitura de textos de gêneros diversos em língua inglesa, com foco no desenvolvimento da habilidade de leitura e o pensamento crítico), *Going Further* (texto relacionado ao tema da unidade com o objetivo de trabalhar a interpretação textual), *Vocabulary* (vocabulário relacionado aos textos propiciando a prática e a expansão de conhecimentos lexicais), *Listen Up* (apresenta textos orais diversos, sendo a proposta principal aprimorar a compreensão oral e analisar as temáticas a partir de outras perspectivas), *Pronunciation Box* (dicas de pronúncia em língua inglesa), *Language Analysis* (analisa a língua inglesa utilizada em contextos reais, para que o aluno compreenda e empregue o funcionamento dos tópicos gramaticais de forma apropriada), *Language Plus* (caixa de diálogo que apresenta dicas complementares de tópicos gramaticais da língua), *Food Thought* (incentiva o aluno a fazer investigações e pesquisas, analisar dados, discutir conceitos e/ou problemas, buscar soluções e pensar criticamente sobre diversos assuntos relevantes na atualidade), *I Speak Your Mind* (atividades de produção oral, em diferentes contextos, com o objetivo de estimular o desenvolvimento oral em língua inglesa), *Write It Out* (estimula a produção textual em diversos gêneros com base na compreensão de suas características e contextos de uso), *Self-Assessment* (finaliza a unidade dando espaço para reflexões sobre o conhecimento adquirido, de modo a ter maior consciência do que o aluno aprendeu e do que precisa de mais prática), *Hot Spot* (Contém referências para auxiliá-lo em seus estudos e expandir seus conhecimentos do que foi desenvolvido na Unidade, bem como referências culturais - livros, filmes, etc.)

Estas seções, combinadas exatamente da forma que foram apresentadas, seguem uma sequência didática em que o aluno/aprendiz de língua inglesa, num primeiro momento, possa debater sobre o assunto da unidade utilizando seus conhecimentos de mundo; apresentando-os de forma escrita ou oral. Posteriormente é oferecido ao aluno um texto para que ele reflita sobre suas considerações iniciais e trabalhe a interpretação textual. Em seguida, é estudado vocabulário, e novas informações sobre assunto, levando-o a produzir um texto, no gênero sugerido pela unidade e, por fim, reflexões acerca do que foi aprendido naquele período.

De acordo com Galarza (2015) esta forma de trabalhar o ensino de línguas é tratada como horizontal, onde o professor não é visto como detentor universal do conhecimento, mas, sim como um mediador e incentivador da interação social.

[...] quando o objeto do nosso estudo é a língua, a organização da aula como espaço de conversa, fala, de trocas é fundamental, pois é preciso construir possibilidades de abstração, de forma a tornar a língua objeto de estudo. Nada disso é possível se tivermos uma relação vertical na sala de aula, em que o professor detém a palavra, utilizando-a e controlando seu uso por parte dos alunos. [...] Assim, quando se busca estabelecer um clima de confiança na sala de aula, possibilitando que os alunos conversem, falem, indaguem, discordem, questionem, está-se possibilitando que, além de construir conhecimentos na interação, também construam novas relações sociais. (GALARZA, 2015, p. 60)

Compreendemos que este formato tem o intuito, já exposto anteriormente, de não só instrumentalizar o aluno no novo idioma, mas torná-lo mais reflexivo, com posicionamento também mais crítico em relação ao mundo que o cerca, ao mesmo tempo em que propicia o entendimento de que, a partir do aprendizado de um novo idioma, é possível ampliar percepções outras além das gramaticais.

Ao fim da obra, por se tratar de ser um exemplar voltado a orientar o professor, há uma seção denominada Manual do Professor - Linguagens e suas Tecnologias - Obra didática específica Língua Inglesa. Não podemos ignorar esta seção na descrição da obra, pois é nela que o professor receberá orientações pertinentes para a aplicação do livro didático. Dessa forma, vale salientar que este compêndio é iniciado por um sumário dividido em Orientações gerais e Orientações Específicas (RICHTER & LARRÉ, 2020, p.283)

As orientações gerais ficam a cargo de elucidar sobre o Novo Ensino Médio, a BNCC, o ensino de língua inglesa para os jovens, a abordagem teórico-metodológica, os objetivos, os níveis A1 e A2 do Quadro Europeu Comum para Línguas – QECR na obra, o pensamento computacional, o trabalho com diferentes processos cognitivos, o estudo da língua inglesa e as outras áreas de conhecimento, a prática científica e os processos de investigação, a organização da obra, o planejamento, as possibilidades de avaliação e as competências da BNCC trabalhadas ao longo da obra.

Já nas Orientações específicas, as autoras sugerem sequências didáticas, atividades, *sites* para pesquisas sobre os temas abordados em cada unidade, para que o professor possa montar sua aula e indicar leituras e manter a autonomia do aluno na busca pelo conhecimento. Nesta parte também são apresentadas as Referências Bibliográficas de forma comentada.

4.2. O tratamento dado às expressões idiomáticas na obra *Take Action*

O início da análise se deu pelo Manual do Professor - Linguagens e suas Tecnologias – Obra didática específica Língua Inglesa. Decidimos tomar a análise por este caminho para entender se, além do exposto aos alunos, haveria alguma orientação dada pelas autoras, em que o docente necessitaria trazer algum material além do ofertado pelo livro, recapitular o assunto ou sugerir pesquisa sobre ele.

As autoras, Richter e Larré (2020), deixam claro, tanto na introdução do Livro Didático do aluno quanto na abertura do Manual do Professor, que um dos objetivos é tornar o aluno autônomo em sua aprendizagem e busca de conhecimento.

No decorrer das 14 unidades, é mantida uma sequência didática para que o aluno, primeiramente, utilize seu conhecimento de mundo para discutir o assunto tratado, para, então, se dedicar a um texto com o propósito de aprofundar o assunto, seja com questões de interpretação de texto, quadro explicativo sobre o vocabulário, ou propondo *input* para debates orais sobre o assunto e, então, finalizar com a produção de um texto no gênero textual solicitado pelo livro didático.

Na apresentação do manual, Richter e Larré (2020) já deixam claro que, na seção de *Vocabulary*, será apresentado o vocabulário e, por vezes, expressões idiomáticas da Unidade ou relacionadas ao tema da unidade. Desta forma, as expressões idiomáticas têm maior visibilidade na unidade 5 – **Language with no Borders**, foco da análise neste estudo.

Isto posto, no interior dessas unidades, o termo “expressão idiomática” (EI), aparece em cinco momentos e somente em um deles, a expressão está explícita para o aluno, ou seja, no corpo do Livro Didático, uma vez que as outras quatro menções estão dentro do Manual do Professor.

O primeiro momento em que a EI é citada na obra, é na abertura do Manual do Professor.

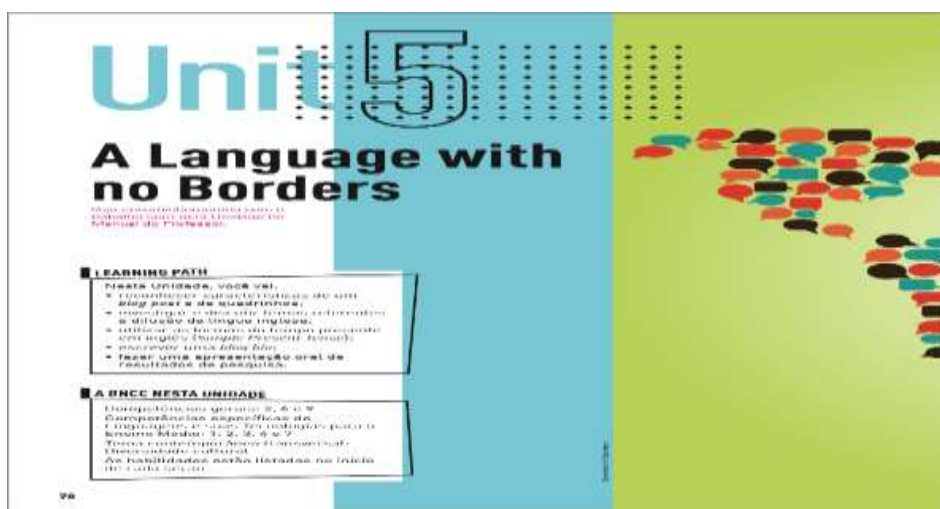
Abrimos as Unidades didáticas com um *Learning Path*; e, como um caminho a ser percorrido, nele indicamos tudo o que será trabalhado na Unidade. Em seguida, no *Lead-in*, introduzimos o assunto que será discutido nas demais seções da Unidade, que continua com *Read on* e, ocasionalmente, *Going Further*, que desenvolvem a habilidade de compreensão escrita. Essas seções também contam com um pequeno glossário para cada texto trabalhado. Na seção de *Vocabulary*, apresentamos o vocabulário e, por vezes, **expressões idiomáticas** da Unidade ou relacionadas ao tema [...] (RITCHTER; LARRÉ 2020, p.282 – grifo nosso)

Os outros quatro momentos são: na Unidade 4 – *Sustainable Fashion*, Unidade 5 – *A Language with no borders* (no capítulo e no Manual do Professor) e Unidade 9 – *Roots*. Destas três unidades, somente na quinta unidade, o aluno é apresentado ao termo em conjunto com sua definição.

Apresentaremos, a seguir, como as Els foram abordadas na unidade 5.

4.2.2 UNIT 5: A Language with no Borders

Figura 1: Unidade 5



Fonte: (RITCHTER; LARRÉ, 2020)

Esta unidade pertence ao tema contemporâneo transversal: Diversidade cultural. Neste tema contemporâneo, as habilidades da BNCC que contemplam as Els são “EM13LGG103” e “EM13LGG104”, cujas possuem a linguagem como ponto central a ser trabalhado com os alunos, seja para oralidade ou para a produção textual.

(EM13LGG103) Analisar, de maneira cada vez mais aprofundada, o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses.

(EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social. (BNCC, 2018)

O foco central da unidade é trabalhar leituras, pesquisas, debates e produções textuais que discutam as fronteiras da língua inglesa. A proposta, de acordo com Richter e Larré (2020), é que os alunos tenham capacidades de reconhecer os gêneros textuais *blog post* e de quadrinhos, consigam investigar temas que se refiram à difusão da língua inglesa,

adquiram a habilidade de aplicar o *Simple Present Tense* e, após todas estas habilidades trabalhadas, é proposto que o aluno escreva uma biografia em inglês e faça a postagem em um *blog*, e posteriormente, apresente o resultado de suas pesquisas de forma oral.

Dentro desta sequência didática, as Els aparecem não só para o professor, no Manual do professor, como tem sua definição apresentada ao aluno, no tópico *Vocabulary*, em decorrência à sequência didática focada no tema da unidade.

Dessa forma, a unidade começa com *Read on*, questionando o aluno em que momentos ele aplica o uso da língua inglesa no seu dia a dia. Posteriormente, apresenta o texto *Why English is important to me?/ What learning means to me?*, de Odete Spiteri.

Excerto 1: Texto

Why English is important to me? / What learning means to me?

Learning, for me, is an opportunity to use what I've learned, and, to *broaden* my horizons and to *improve* the best version of myself. Learning, helps me discover my *hidden* talents, and helps me to overcome the fear and obstacles. I feel that the more I know, the more I am capable of accomplishing what I want, without fear of others' judgment. Learning is life, and life is learning

[...]

Apart from my *self-esteem*, learning English will open more opportunities. However, the English Language plays an important role in our life. It is understood by many people around the world, since it is the most spoken language. It is essential in our education. Big companies *hire* professional *staff*, soon after making sure that the people they are employing are good in English.

The English Language helps us to communicate with nearly all the people around the world, even through the internet. After all, no man, or woman is an island.

Broaden: to increase

Improve: to make something better

Hidden: that cannot be seen or that is not easy to find

Self-esteem: belief and confidence in yourself

Hire: to give someone a job and to pay for this person's work

Staff: the group of people who work for a company

Fonte: (SPITERI apud RICHTER; LARRÉ, 2020, p.80 – grifos das autoras)

Para que o aluno consiga ler/compreender o texto é oferecida aos alunos uma caixa com palavras que têm o objetivo de auxiliá-los na leitura. Com base nestas informações adicionais, o estudante começa a sua leitura e é indagado sobre a relevância do Ensino de Língua Inglesa em sua vida, e se há aplicação deste em sua rotina, pois são questões que a própria autora insere em seu texto. Além disso, é questionado também como esse aluno aplica o idioma, seja, por exemplo, escrevendo textos, na oralidade, para conhecer novas

pessoas, para o uso da internet, para ter melhores oportunidades de emprego, etc. Não só isso, é neste momento, após as indagações, que entra a seção *Vocabulary*, que o livro apresenta pela primeira vez a definição de expressões idiomáticas.

Excerto 2: Vocabulário

Vocabulary EM13LGG104

Read the following idioms and expressions from Odette's blog post. Then, in your notebook, match them to their translation.

I To play an important role **a**

II To be the best version of yourself **d**

III To broaden somebody's horizons **b**

IV To fear other's judgement **c**

A Ter um papel importante específico em determinada situação.

B Aumentar as habilidades de alguém; ter novas experiências.

C Ter medo do julgamento das outras pessoas.

D Tornar-se a melhor versão de si mesmo.

IDIOMS
Idioms ou expressões idiomáticas são expressões em que as palavras usadas só fazem sentido em conjunto, ou seja, não se pode traduzir literalmente palavra por palavra. Um exemplo de expressão idiomática em língua portuguesa é "ficar em cima do muro", usada para indicar que alguém está indeciso ou que não se posicionou a respeito de um assunto. Que outras expressões idiomáticas você conhece? Para conhecer mais expressões em língua inglesa, você pode acessar: <https://www.thoughtco.com/common-english-idioms-3211646> (acesso em: 8 ago. 2020). Lembre-se de que o inglês é falado em muitos países no mundo, então essa lista é apenas um exemplo de algumas expressões. Cada grupo de falantes da língua inglesa tem suas expressões, assim como cada grupo de falantes da língua portuguesa tem as suas!

82

Fonte: (RICHTER; LARRÉ, 2020, p.82)

Juntamente com o quadro onde se encontra a definição, as autoras propõem um exercício em que o aluno deve voltar ao texto inicial e fazer a relação das Els com seus significados. No que se refere ao Manual do Professor, a indicação é que

Se necessário, permita que os estudantes busquem um tradutor on-line. Reforce a importância de encontrarem no texto lido as expressões listadas para que possam compreendê-las de forma contextualizada.

Nesta atividade, você pode pedir aos estudantes que respondam individualmente e depois confirmem as respostas com um colega. (RICHTER & LARRÉ, 2020, p.333)

Outra vez as autoras, de forma a orientar os docentes, propõem uma ação em que os professores incentivem a autonomia nos alunos, por meio de pesquisas *online*. Além da pesquisa, os alunos podem um comparativo entre os significados que encontraram no decorrer da leitura.

As Els são trabalhadas, na Unidade 5, somente até a etapa do vocabulário, sendo que na próxima seção, *Going Further*, já é apresentado um novo texto, em gênero textual,

colocando em foco a questão da língua e suas fronteiras, e deixando a cargo do professor intensificar ou não sobre as Els nesta unidade.

Considerações Finais

Com isso, após todo embasamento teórico e análise da obra *Take Action*, consideramos que a obra realmente atende os requisitos da BNCC, tendo, em suas 14 unidades, o compromisso de tratar a Língua Inglesa como língua franca, incentivar a autonomia do aluno no sentido de buscar informações sobre o assunto abordado, proporcionar momentos de leitura, debates e produções textuais.

Na Unidade analisada neste estudo, em cuja o tema central é a língua inglesa e suas fronteiras, as Els são abordadas diretamente com aluno, sendo trabalhadas no texto da unidade e, posteriormente, apontadas em exercícios que induzem o aluno a voltar ao texto e compreender o significado das expressões a partir de seu contexto. Contudo, a abordagem não se aprofunda no decorrer da unidade, ficando somente na primeira parte e vinculada ao primeiro texto. Com isso, fica a cargo do professor separar uma aula para aprofundar o assunto.

É possível perceber que a abordagem sobre as Els a partir do livro *Take Action*, mesmo que haja uma tentativa de incentivar o aluno na busca de sua autonomia, isso não é possível sem que o docente faça um trabalho externo, trazendo informações, textos e aprofundando sobre o tema, ou seja, indo além do que o livro oferece. Há uma sequência em que, num primeiro momento, o aluno é apresentado às Els pelo professor, por meio de pesquisa, exercícios e definições que o professor deverá disponibilizar. Em um segundo momento, as Els estão empregadas em um texto, contextualizadas e os alunos são levados a descobrir o significado de cada expressão. E, por fim, a possibilidade de criar um dicionário de expressões idiomáticas, a partir de exemplos que o professor apresente.

Sendo assim, mesmo que a obra *Take Action* apresente as Els, caso o professor trate somente a Unidade 5 com os alunos, que é a única que é apresentada no livro didático do estudante, entendemos que o assunto possa ser abordado de forma rasa, ou ainda, sem a devida importância que, entendemos, a temática deva receber.

Referências

ALBUQUERQUE, E.B.C.; FERREIRA, A.T.B. Programa nacional do livro didático (PNLD): mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula. *Ensaio: aval. pol. públ. educ.*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 103, p. 250-270, abr. 2019. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362019000200250&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 nov. 2022.

BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo/SP: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M.; FREITAS, V. A. de L. Sociolinguística Educacional. In: HORA, D. da; et alli (orgs.) *Abralin: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base*. Versão Final, 2018.

CARRARO, F.P. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo sobre a língua espanhola como língua estrangeira*. Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, Guarapuava, 2016. Dissertação de Mestrado. Disponível em: https://www.academia.edu/28650515/Cren%C3%A7as_e_Atitudes_Lingu%C3%ADsticas_um_estudo_sobre_a_l%C3%ADngua_espanhola_como_l%C3%ADngua_estrangeira. Acesso em 08 mar. 2021. Acesso em 08 mar. 2021.

FARACO, C.A. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GALARZA, D.K. Aulas de português, construção do conhecimento e interação social. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 53-75

GIBBS, R.W. Idioms and formulaic languages. In: GEERAERTS, D; CUYCKENS, H. (Eds). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.

GOBBER, G.; MORANI, M. *Linguística Generale*. New York: The McGraw-Hill Companies, 2010. Disponível em: http://www.ateneonline.it/gobber/studenti/risposte/isbn6493-9_risposte_01.pdf. Acesso em 30 jul. 2019.

GRUBERT, R.P. et al. Língua E Sociedade: uma relação nem sempre óbvia. *Web Revista Sociodialeto*, [S.l.], v. 10, n. 29, p. 122 - 128, jul. 2020. ISSN 2178-1486. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/207>>. Acesso em 8 mar 2021.

HOGETOP, M. As Expressões Idiomáticas ons Livros Didáticos de LE/LA e Interculturalidade: uma discussão a partir da perspectiva sociocultural. *Web Revista Sociodialeto*, [S.l.], v. 9, n. 27, p. 64 - 78, set. 2019. ISSN 2178-1486. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/199>>. Acesso em 18 mar 2021.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MUNIZ, V.F.S.G et al. As expressões idiomáticas no ensino de Língua Inglesa: o livro didático em questão. *Revista Philologus*, Ano 23, n° 69. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2017. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO23/69supl/037.pdf>. Acesso em 18 ago. 2022.

PAIVA, V.L.M. O. História do Material Didático. In: DIAS, R. et al (orgs.) *O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

PEDRO, M.L. *As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaios*. 189 f. Dissertações. (Mestrado em Linguística Aplicada) – UNB, Brasília, 2007.

RICHTER, C.; LARRÉ, J. *Take Action!* São Paulo: Ática, 2020. Disponível em: <https://edocente.com.br/colecao/take-action-objeto-2-pnld-2021/>. Acesso em 15 jan. 2023

SCHMIDT, C. *O livro didático de língua alemã no contexto de formação de professores no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

SILVA, J.O. Professores de línguas e programas do livro didático. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 185-198, Abr. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000100185&lng=en&nrm=iso. Acesso em 23 Mar. 2021.

SOARES, M.B.; MACIEL, F. *Alfabetização*. Brasília/DF: MEC/INEP/COMPED., 2000. (Série Estado do Conhecimento no. 1. Disponível em: www.mec.gov.br/inep/publicações. Acesso em: 05 abr. 2021.

TEER, J.V.; BEVILACQUA, C. R. As expressões idiomáticas em livros didáticos de espanhol como língua estrangeira. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*. São Paulo, SP. Vol. 18, n. 2 (maio/ago. 2018), p. [244]-258. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/188788>. Acesso em 23 jun. 2022.

XATARA, C.M. O resgate das expressões idiomáticas. *Revista Alfa*, São Paulo: UNESP, vol. 39, p. 195-210, 1998.

_____. O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 37, Campinas, p. 49-59, jan./jun., 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639325>. Acesso em 23 jun. 2021.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.